



EQUIDADE DE GÊNERO NA CIÊNCIA

possibilidades para sua promoção no meio acadêmico e científico

Helena Carla Castro

Professora Helena Carla Castro nos fala sobre sua experiência e sobre a equidade de gênero na ciência e no meio acadêmico.



Neurociências e Sociedade: Professora Helena, poderia nos contar um pouco sobre sua formação e atuação profissional?



Helena Carla Castro: Possui uma formação acadêmica e uma trajetória profissional marcada pela pesquisa, ensino e extensão universitária. Sou graduada em Farmácia e especializei minha formação acadêmica nos campos da Bioquímica Estrutural, Biotecnologia e Bioinformática, concluindo o Mestrado e Doutorado em Química Biológica no Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Após um estágio pós-doutoral na Faculdade de Farmácia da UFRJ, onde desenvolvi expertise em ensaios in vivo, ingressei em 2002 como professora na Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, sou Professora Titular do Departamento de Biologia Celular e Molecular do Instituto de Biologia da UFF e coordeno o Laboratório de Antibióticos, Bioquímica, Ensino e Modelagem Molecular (LABiEMol), onde conduzo pesquisas inovadoras na interface entre microbiologia aplicada, bioquímica e modelagem molecular.

Perfil da Professora Helena Carla Castro

Farmacêutica, professora titular da Universidade Federal Fluminense (UFF), com pós-doutorado em Farmacologia aplicada na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Coordena o Laboratório de Antibióticos, Bioquímica, Ensino e Modelagem Molecular (LABiEMol) no Departamento de Biologia Celular e Molecular do Instituto de Biologia da UFF.

É “Cientista do Nosso Estado” pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Meu compromisso com a democratização do ensino e o impacto social da ciência me levou a contribuir na criação das pós-graduações em Ciências e Biotecnologia (<https://biotec.uff.br/>), Ciências, Tecnologias e Inclusão - PGCTIn (<https://pgctin.uff.br/>) e Curso de mestrado em Diversidade e inclusão - CMPDI (<http://cmpdi.uff.br>) no Instituto de Biologia, que incentivam o ingresso e a permanência de estudantes de grupos historicamente marginalizados na universidade. Além de minhas atividades acadêmicas e científicas, atuo em projetos de extensão (Projeto Ser-Humano e Projeto Ciências na Batucada) com iniciativas voltadas para a divulgação científica com respeito a equidade, diversidade e inclusão. Assim, em 2025 faço parte também da Comissão Permanente de Equidade de Gênero (CPEG) da UFF e da Comissão Permanente de Equidade, Diversidade e Inclusão (CPEDI) da FAPERJ, além de colaborar com o PGCTIn. Meu perfil acadêmico tem refletido a interseção entre pesquisa de ponta em nível nacional e internacional com compromisso social, para a qual busquei sempre consolidação e contribuição no cenário acadêmico e científico brasileiro e mundial.

Algumas de suas principais produções

CASTRO, Helena Carla; LINS RAMOS, ALEX SANDRO; AMORIM, GILDETE; RATCLIFFE, NORMAN ARTHUR. COVID-19: don't forget deaf people. *NATURE*, v. 579, p. 343-343, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-00782-2>

CASTRO, Helena Carla; LOUREIRO, Natália I. V.; OLIVEIRA, Mariana Pujol Luz; FRUGULHETTI, Izabel; SANTOS, Dilvani Oliveira; GIRAO, Magaly; CABRAL, Lúcio Mendes; RODRIGUES, Carlos Rangel. HIV-1 Reverse Transcriptase: a therapeutic target in the spotlight. *Current Medicinal Chemistry (Hilversum)*, Estados Unidos da América, v. 13, n.3, p. 313-324, 2006.

ROMEIRO, Luis As; BARREIRO, Eliezer J.; CASTRO, Helena Carla; MANSOUR, Carlos Alberto; SILVA, Claudia Lucia Martins da; NOEL, François German Brito; BRITO, Fernanda; MIRANDA, Ana L. P. Uso de novos antagonistas alfa-adrenérgicos N-fenilpiperazínicos derivados do safrol, composições farmacêuticas contendo os mesmos e processos para sua preparação. 2003, Brasil. (Patente)



Neurociências e Sociedade: Com base em experiência profissional, de que forma a discussão sobre equidade de gênero tem contribuído para a inserção e valorização das mulheres na ciência?



Helena Carla Castro: A discussão sobre equidade de gênero tem desempenhado nos últimos anos um papel fundamental na inserção e valorização das mulheres na ciência, promovendo mudanças estruturais que, apesar de ainda singelas, visam reduzir desigualdades históricas. Ao se tornar uma área de pesquisa para avaliação científica da questão de gênero, os estudos envolvendo essas questões revelaram o viés implícito de gênero, que refere-se a preconceitos inconscientes que influenciam nossas percepções e comportamentos em relação aos gêneros, afetando decisões e julgamentos sem que a pessoa tenha plena consciência disso. Os estudos nessa área destacam a importância de integrar a análise de gênero na pesquisa científica, enfatizando que isso não apenas corrige distorções, mas também aprimora a excelência da ciência pela inclusão da visão feminina no pensamento técnico-científico.



Algumas políticas públicas têm sido implementadas no Brasil para promover a valorização e a inserção de mulheres na academia e na ciência. No Paraná, desde 2022, a Fundação Araucária e a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti) investiram cerca de R\$ 5,4 milhões em programas voltados a pesquisas e ações extensionistas dedicadas às mulheres, além de projetos de pesquisadoras que enfrentaram o câncer de mama. Desde 2023, a Fundação de Apoio a Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) libera o edital Programa de Apoio à Jovem Cientista Mulher com vínculo em ICTs do Estado do Rio de Janeiro, enquanto no Pará, por exemplo, a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) lançou, em março de 2024, um edital de R\$ 6 milhões destinado a fortalecer grupos de pesquisa liderados por mulheres, visando reduzir as desigualdades de gênero na ciência e tecnologia. Essas ações refletem um compromisso crescente com a equidade de gênero na ciência, reconhecendo e visando corrigir distorções históricas e estruturais, e promovendo a participação e valorização das mulheres em diferentes campos de pesquisa.



Neurociências e Sociedade: Comentários sobre as ações que as instituições públicas têm implementado para corrigir distorções relacionadas à avaliação curricular de mães de crianças até 5 anos de idade?



Helena Carla Castro: As agências de fomento, como o CNPq e a FAPERJ, implementaram ações para corrigir as distorções e apoiar cientistas mães, que são um marco na questão do apoio a maternidade. A FAPERJ, por exemplo, lançou um edital específico para cientistas mães, um marco importante, já que é o primeiro edital do tipo no Brasil. Esse edital visa apoiar as mães a retomar suas carreiras científicas após o nascimento de seus filhos, considerando a queda na produtividade que normalmente ocorre neste período. A falta de apoio adequado a essas mulheres tem um impacto significativo e, por isso, políticas como essas são fundamentais para a inclusão das mães na ciência.

Em 2021, o CNPq implementou no lattes o campo para licença maternidade enquanto a CAPES implementou esse campo na plataforma

sucupira em 2023. O CNPq também ampliou o tempo de avaliação do currículo para cientistas mães, com a adição de dois anos de avaliação para cada filho. A FAPERJ tem adotado essa medida e já oferece um ano, com planos de expandir para dois anos. A lei sancionada em 2024 pelo presidente Lula assegura, para mães e pais, a prorrogação da vigência das bolsas de estudo nos programas de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) por até 180 dias, e está sendo adotada pela CAPES para auxiliar as pesquisadoras-mães em formação.

A Universidade Federal Fluminense (UFF) foi pioneira entre as universidades públicas, criando uma política de apoio a mães em seus editais, como no caso do edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com uma pontuação adicional para pesquisadoras que se tornaram mães nos últimos cinco anos, reconhecendo o impacto da maternidade na produtividade acadêmica. Outro exemplo é a prorrogação de 60 dias no regime especial para discentes lactantes da UFF até os seis meses de idade da criança.



Neurociências e Sociedade: Considerando as distorções quanto à ocupação de cargos de liderança por mulheres, tanto no nosso país quanto no mundo, quais as principais dificuldades que as cientistas apontam ao tentar dividir seu papel como pesquisadora e mãe?



Helena Carla Castro: Com certeza a divisão entre os papéis de pesquisadora e mãe é um dos maiores desafios enfrentados pelas cientistas, o que afeta suas possibilidades de conseguir ou mesmo ser indicada para posições de liderança. Dentre as dificuldades podemos citar já de início a reação sob a questão de assumir o cargo de liderança ou mesmo de ser considerada como nome para assumir a respectiva posição. Enquanto os homens são apoiados e elogiados quando assumem esses espaços de lideranças, onde a presença de filhos(as) não é considerado como fato que possa atrapalhar ou evitar sua indicação, visto que é esperado o apoio “natural” da companheira e/ou família, o mesmo não acontece com as mulheres. Os elogios, se e quando existem, são seguidos geralmente por questionamentos envolvendo o destino das crianças, a decisão sobre a ausência materna na criação das mesmas e na opção “egoística” pela sua carreira acadêmica, o que mexe com a



autoestima e trabalha mentalmente a questão da culpa pela dedicação à sua própria carreira.

A presença de filhos pequenos são considerados muitas vezes nas análises para os cargos de liderança, no qual se torna comum as afirmações de que “acabou de ter um filho e não tem condições de assumir tal responsabilidade nesse momento”, o que não é uma consideração realizada no caso das indicações masculinas. Assim, a maternidade ainda é vista por algumas instituições como um obstáculo para o avanço na carreira acadêmica e científica, o que pode resultar várias vezes, portanto, em discriminação implícita. Mulheres cientistas com filhos enfrentam a dificuldade de serem vistas como “menos competentes” ou “menos dedicadas” do que seus colegas homens ou cientistas sem filhos, contribuindo para a invisibilidade das mães na ciência.

Ironicamente, apesar da liderança não parecer ser compatível com a maternidade, o outro desafio é a crença do papel “natural” da maternidade, no qual as mães sofrem a pressão pela manutenção da produtividade, apesar de enfrentarem, por vezes, uma queda de sua produção científica, principalmente nos primeiros anos de vida do filho, visto a necessidade de conciliar o cuidado com a criança, em especial as mais pequenas e no período impactante de aleitamento, com a dedicação à pesquisa. Ela não tem o auxílio do parceiro, e quando tem não é no mesmo nível em que a relação inversa acontece para os homens, sendo como se as horas gastas com a maternidade existissem em um mundo paralelo de dias de 48/72h que não afetariam a produção acadêmica e intelectual dessa mulher. A falta de políticas públicas adequadas nas instituições agrava essa situação, e as cientistas mães enfrentam dificuldades, como a demora para recuperar sua produtividade em comparação aos seus pares masculinos, que tem a situação de parceria garantida pela sociedade que os apoia e que espera que a família gire em torno de garantir o seu sucesso profissional. Logo o problema não está na maternidade em si, mas na ausência das políticas de apoio, que vai da família até as instituições que permitam uma melhor conciliação entre a vida profissional e materna dessas pesquisadoras.



Neurociências e Sociedade: Considerando, como pesquisadora e mãe, que a questão da

amamentação e os cuidados nos primeiros 1.000 dias de vida de uma criança podem influenciar diversos padrões de saúde, autoconfiança e aprendizado, de que forma as ações públicas estão incentivando a criação de creches, espaços Kids e espaços de amamentação no ambiente de trabalho?



Helena Carla Castro: No Brasil, o relatos de iniciativas que tenham incentivado a criação de espaços adequados para o cuidado de crianças nas universidades e ambientes de trabalho, ainda são escassos ou sem divulgação, apesar de ser uma forma de apoiar as cientistas mães, ao permitir que elas possam continuar sua produção científica sem precisar interromper a amamentação ou o cuidado com os filhos. Em nível federal, a ministra da Ciência e Tecnologia, Luciana Santos, anunciou em julho de 2023 a intenção de lançar editais direcionado às mulheres nos quatro anos seguintes, visando aumentar a presença feminina em carreiras científicas e implementar ações afirmativas, como ajustes nos critérios de avaliação que considerem as especificidades das pesquisadoras, especialmente aquelas com filhos.

Mais exemplos precisam ser estabelecidos e divulgados como o da UFF que tem nesse mês de março a inauguração do espaço na Faculdade de Educação a sala de apoio às mães e à amamentação, localizada no térreo da faculdade, que estará aberta e pode ser usada por estudantes, técnicas/os, docentes e terceirizadas/os de toda a UFF. O espaço está





devidamente equipado para os principais cuidados a bebês e crianças, que podem permanecer no espaço com a presença de um responsável. Essas iniciativas ao serem estabelecidas pelas instituições de ensino e pesquisa refletem um compromisso crescente com a equidade de gênero na ciência, buscando criar condições mais justas e inclusivas para as mulheres pesquisadoras no país. No caso da UFF, seu esforço como instituição foi reconhecido no ano de 2025, ao ganhar o Prêmio Mulheres e Ciência pelo CNPq com apoio do Ministério das Mulheres, o British Council e o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe, na categoria Mérito Institucional, para instituições comprometidas com a equidade de gênero.



Neurociências e Sociedade: Uma questão importante para a vida feminina na academia é a produtividade durante a amamentação e/ou nos primeiros anos de vida do filho. Como a senhora tem se aproximado dessas questões desafiadoras? Poderia nos dizer quais são os recentes avanços das agências de fomento à pesquisa a respeito deste período tão importante da vida de uma cientista?



Helena Carla Castro: Acho que respondi parte dessa questão nas questões anteriores, mas algumas ações importantes que presenciei e faço parte pode ser ressaltada na questão de auxiliar na prevenção ou correção dessas situações. A criação de comitês e comissões nas instituições públicas e/ou de fomento, que tenham como função o estímulo e a realização de ações, editais e programas que garantam a diversidade com inclusão, podem auxiliar a diminuir as discrepâncias causadas pelo viés implícito envolvendo a perda de oportunidades, a falta de Políticas de Apoio, a pressão pela produtividade, a discriminação e a invisibilidade, além dos desafios de alcançar posições de liderança. Neste contexto, eu cito a UFF e a FAPERJ como exemplos nas quais foram criadas a Comissão Permanente de Equidade de Gênero (CPEG) (<https://cpeg.uff.br>) e a Comissão Permanente de Equidade, Diversidade e Inclusão (CPEDI) (https://www.faperj.br/rp/downloads/Portaria-PR-Comissao-EDI_FAPERJ.pdf) respectivamente.

A CPEG da UFF foi criada pela Portaria UFF Nº 68.317, em 8 de março de 2022, e em 2025 está



vinculada à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES) A CPEG surgiu a partir do Grupo de Trabalho “Mulheres na Ciência”, que existia desde 2018 e do qual eu fazia parte. Este GT realizava ações voltadas para implementar políticas de apoio à maternidade, conscientizar sobre o viés implícito e estereótipos de gênero, e aumentar a representatividade das mulheres na ciência, com ênfase em incentivar sua participação em posições de liderança. Depois da coordenação da Dra Leticia Oliveira o GT se tornou comissão permanente (CPEG) e atualmente está em vias de se tornar um núcleo com regimento criado de forma institucionalizada e intrinsecamente ligada a PROAES e a outras comissões, como a relacionada a questões raciais.

A CPEDI da FAPERJ foi criada em 2021, sendo instituída com o objetivo de promover a equidade de gênero, a diversidade e a inclusão nas ações e políticas da Fundação, buscando garantir um ambiente mais igualitário e representativo para todos. A criação dessa comissão, que desde 2024 também participo, é resultante de um trabalho de sensibilização da FAPERJ pela CPEG. Isso é motivo de orgulho de nosso grupo e de nossa instituição, e já resultou em editais voltados para pesquisadoras mães e para pessoas com deficiência. O CNPq e a CAPES estão começando suas ações nesse sentido, o que indica que teremos novidades positivas no ano de 2025 e nos anos vindouros, pelo menos é o que esperamos ansiosamente. Neste cenário, a Dra Leticia Oliveira tem sido importante por estar sempre disposta a (e)levar essas questões ao nível das agências de fomento, sendo esse movimento essencial para a sensibilização e o reconhecimento dessa questão que é tão importante para pelo menos 51% da população mundial, que é composta por mulheres, sem contar os simpatizantes (rsrsrs).



Neurociências e Sociedade: Quais as suas considerações finais sobre este tema que não tenham sido abordadas até o momento?



Helena Carla Castro: Uma consideração importante sobre esse tema é que a maternidade não pode, nem deve, ser vista como um obstáculo, mas sim como um processo que pode ser conciliado com a vida profissional da pesquisadora. Com políticas públicas adequadas, observa-se nas instituições de fomento e nas universidades que tem investido nessa questão de equidade, progressos significativos no sentido da inclusão da mulher nesse espaço de pesquisa que também lhe pertence, incluindo também o de liderança.

Há que se reconhecer que ainda existe muito a ser feito para garantir que as cientistas mães não sejam penalizadas por suas responsabilidades parentais. A criação de mais programas de apoio e a inclusão de políticas que considerem as necessidades específicas dessas mulheres são essenciais para garantir a equidade de gênero na ciência e lembrar que essa diversidade no ambiente científico já se mostrou como algo benéfico, positivo e produtivo para todos, tendo sido evidenciado a partir de pesquisas reconhecidamente validadas, confiáveis e reprodutíveis. Cabe a nós que somos filhos(as), mães/pais, parentes e amigos(as) de mulheres, reconhecermos o seu valor também na comunidade acadêmica bem como para as ciências brasileira e mundial.

Entrevista concedida em 07 de março de 2025.